

BATALHAS DE RAP: UMA REPRESENTAÇÃO VISUAL E SIMBÓLICA⁸⁷Adalberto Almeida de Araújo Júnior⁸⁸Itamar de Moraes Nobre⁸⁹

RESUMO: Investiga-se a produção comunicativa e folkmediática de batalhas de rap (ritmo e poesia) no ambiente da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Campus Central. Para desenvolver o trabalho utilizamos pesquisa bibliográfica, observação participante no período pré-pandemia, pesquisas na internet e uma adaptação de técnicas transdisciplinares (fotografia, cartografia e análise textual) para sistematização dos resultados de pesquisa. Como metodologia utilizamos uma adaptação, com base na cartografia simbólica (SANTOS, 2002) e fotocartografia sociocultural (NOBRE, 2011), para representar através de um mapa visual e simbólico, os usos e apropriações dos espaços de convívio da universidade para realização de batalhas de rap, como formas de comunicação. A partir dos resultados obtidos, observamos que as batalhas de rap se apropriam dos mais diversos espaços e aparatos para se comunicar, levantando uma discussão sobre os processos de comunicação que constitui os grupos marginalizados da sociedade, demandando pesquisas mais aprofundadas sobre suas práticas comunicativas, compreendendo-as como manifestações culturais de resistência popular.

Palavras-chave: Hip hop; Cultura; Rap; Folkcomunicação.

1 Introdução

O objetivo desse artigo é investigar a produção comunicativa e folkmediática em batalhas de rap (ritmo e poesia). Para isso utilizamos pesquisa bibliográfica, observação e uma adaptação de técnicas transdisciplinares para sistematização dos resultados de pesquisa. Observamos e fotografamos encontros da Batalha do Coliseu⁹⁰ e da fase seletiva para a etapa regional do Duelo de MCs Nacional⁹¹ que ocorreram em espaços de convívio do Campus Central da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal (RN/Brasil), entre março e outubro de 2019.

Para compreender o que são batalhas de rap é preciso salientar que o rap, para além de um ritmo musical, faz parte de um movimento cultural mais amplo, o hip hop, que também engloba

⁸⁷ Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁸⁸ Mestrando em Estudos da Mídia, pelo PPgEM - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: contato.adalbertojunior@hotmail.com

⁸⁹ Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) e do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Epistemologias e Práticas Transformadoras em Comunicação, Cultura e Mídias (Ecomsul/UFRN), da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom), e da RPCFB – Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. E-mail: itanobre@gmail.com

⁹⁰ A Batalha do Coliseu acontece desde 2018 no Campus Central da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal (RN). “Coliseu” é o atribuído pelos estudantes e frequentadores da batalha ao anfiteatro que existe nas intermediações do complexo de salas de aula do Setor II da universidade.

⁹¹ Organizado pelo coletivo *Família de Rua*, o Duelo de MCs ocorre desde 2007 no viaduto Santa Tereza em Belo Horizonte (MG) e realiza anualmente o Duelo de MCs Nacional, que acontece geralmente no mês de dezembro, atraindo rappers de todo o país. (Fonte: <https://duelonacional.com.br>)



redefolkcom



originalmente a dança break, o grafite, DJ⁹²s e MC⁹³s (MENDONÇA JÚNIOR; NOBRE. 2015). O hip hop surgiu no bairro do Bronx, em Nova Iorque, nos anos 1970, como alternativa cultural em meio a um cenário de violência e desemprego que assolava a cidade. O nome resulta da junção dos termos em inglês *hip* (quadril) e *hop* (saltar), em alusão aos passos de dança comuns entre os jovens que frequentavam festas inicialmente organizadas pelo DJ Afrika Bambaata, com o objetivo de deslocar os conflitos vivenciados nas ruas para o campo artístico. Através da organização juvenil *Zulu Nation*, Bambaata promoveu entretenimento, conscientização e fomentou debates sobre racismo, ancestralidade e direitos humanos principalmente entre jovens negros e caribenhos residentes nos bairros periféricos (SILVA. 1999).

Para Prince (2006) o hip hop pode ser considerado o movimento negro mais importante do mundo, por expandir a causa negra globalmente, mesclando arte e consciência política adaptando-se às questões de cada localidade. Teperman (2011), destaca o aspecto competitivo do hip hop, retratado nas disputas por visibilidade através do grafite, nas “fímulas” técnicas executadas pelos DJs, nos campeonatos de break e também nos duelos de MCs. É esperado do rapper uma capacidade de se impor em seu discurso, construindo para si um repertório próprio, capaz de dialogar com seu interlocutor e com o público (DUARTE. 1999) que, trazendo para o contexto das batalhas de rap, possui papel crucial na escolha do vencedor.

2 Folkcomunicação e ativismo midiático no rap

Ao passo que surgia o hip hop e, por conseguinte o rap, nos anos 1970 nos Estados Unidos, aqui no Brasil Beltrão já havia nos apresentado a teoria da folkcomunicação, primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, defendida em 1967 na Universidade de Brasília, outorgando-lhe o primeiro título de Doutor em Comunicação do país. Beltrão define folkcomunicação como os processos de troca de mensagens através de agentes e meios populares de informação. Segundo o autor, os sujeitos que integram os grupos marginalizados da sociedade possuem papel fundamental na mediação dos discursos que circulam entre si. Por isso, suas práticas também demandam atenção dos estudos comunicacionais (BELTRÃO, 2014). Sob a ótica da folkcomunicação, as batalhas de rap podem ser compreendidas como manifestações culturais, por serem vistas como formas de expressão da cultura local de uma

⁹² DJ (disco-jóquei) é o responsável pelo suporte musical no rap através de manipulações sonoras e técnicas de mixagem eletrônica.

⁹³ MC (mestre de cerimônia) é o porta-voz do rap, responsável por animar as festas de hip hop e criar uma conexão com o público.

comunidade ou povo, estabelecendo canais autênticos de difusão de valores, crenças e histórias de vida. (CARVALHO. 2008)

Duarte (1999) aponta que no Brasil, desde os tempos coloniais, práticas sociais da cultura negra sofrem condenação de instituições tradicionais como a igreja e o estado. Desde o batuque e o samba até o rap que, assim como seus predecessores também acabou sendo cooptado pela mídia e pela indústria cultural. Duarte ressalta, porém, que não se pode reduzir a compreensão do hip hop apenas pela sua dimensão musical e repercussão na indústria fonográfica. É preciso considerar a totalidade de suas dimensões expressivas (DUARTE, 1999). No entanto o rap é continua sendo um dos ritmos musicais que melhor representa a comunicação dos povos marginalizados no Brasil pois, desde sua chegada ao país na década de 1980, possibilitou aos jovens abordar problemas sociais de uma maneira jamais feita pela mídia de massa (NOBRE; MENDONÇA JÚNIOR. 2015).

Dentre os agentes ativos que medeiam os processos folkmediáticos, Trigueiro (2008) destaca o papel do ativista midiático que, segundo o autor, pode ser identificado pela proatividade no uso e apropriação das diferentes formas de tecnologias de comunicação para realizar suas articulações e propagação de pautas. De acordo com o autor, o ativista midiático atua como um animador cultural dos seus espaços de convívio e viabiliza uma movimentação entre as realidades do seu mundo e a ficção midiaticizada. O autor reforça que o ativista midiático é também:

Um promotor de acontecimentos que interliga a produção cultural dos grupos populares espontâneos em instituições, como escolas, bibliotecas e sindicatos, entre outras. São organizadores de festas em clubes, torneios esportivos, novenários, procissões, quermesses e outras infinidades de atividades cívicas, militares e religiosas realizadas nas proximidades dos seus territórios de domínio social. (TRIGUEIRO. 2008, p. 49)

Dessa forma, visualizamos as batalhas de rap como possíveis objetos de estudo da folkcomunicação, compreendendo a realização desses eventos como formas autênticas de comunicação popular e seus participantes como agentes ativos e ativistas midiáticos nos processos comunicacionais que viabilizam. Pretendemos, com esse artigo, contribuir com os estudos sobre rap no âmbito da folkcomunicação, através de métodos transdisciplinares de pesquisa, conforme detalharemos a seguir.

3 Novas abordagens metodológicas nos estudos folkcomunicacionais

As batalhas de rap são manifestações culturais cada vez mais comuns no cenário urbano contemporâneo e geralmente se configuram da seguinte maneira: dois MCs se enfrentam através de rimas improvisadas proferidas um contra o outro. Quem for mais ovacionado pela

plateia presente ou mais votado por jurados pré-definidos (seguindo critérios técnicos como *flow*⁹⁴, métrica e conteúdo) ganha o duelo. O vencedor do duelo passa para a próxima fase, que consiste em enfrentar o vencedor de outro duelo, em seguindo um esquema de chaves, eliminando quem perde (tal qual o “mata-mata” no futebol), restando apenas um vencedor.

Nos últimos anos, é possível ver esse tipo de evento se popularizando em diferentes regiões da cidade de Natal (RN/Brasil), conquistando espaço no âmbito artístico, político e também institucional. A Batalha do Vinho, por exemplo, foi premiada em 2018 na categoria “Linguagens Urbanas” da 16ª edição do Prêmio Hangar de Música⁹⁵, uma das principais premiações musicais do estado. A batalha, que iniciou suas atividades em 2011 no Espaço Cultural Jesiel Figueiredo, bairro Gramoré na Zona Norte da cidade, contava com o incentivo do projeto “Cultura na Cidade”, oferecido pela Secretaria de Cultura de Natal.

No entanto, o hip hop continua sendo uma cultura, de origem periférica e que ainda encara muita resistência e preconceito na sua representação e visibilidade nos meios hegemônicos, o que exige de seus militantes uma proatividade e autonomia que visa a conquista de espaço e não silenciamento. O sociólogo e ativista do pensamento contra-hegemônico e descolonizador Boaventura de Sousa Santos é um notório militante a favor do rap, por acreditar nas aproximações do conhecimento científico e popular em razão de uma Epistemologia do Sul, tradutora e das ecologias dos saberes, o que pode ser constatado em (2002; 2004; 2004a; 2005; 2006; 2007). Apesar de pouco difundidas na comunidade acadêmica, algumas de suas experiências com o ritmo podem ser encontradas em plataformas de difusão de conteúdo na internet⁹⁶.

Nesse artigo, propomos uma adaptação da cartografia simbólica (SANTOS, 2002) e da fotocartografia sociocultural (NOBRE, 2011) representando através de um mapa, os usos e apropriações dos espaços de convívio social para realização de batalhas de rap. De acordo Santos (2002), os mapas configuram uma espécie de distorção reduzida da realidade, que criam meios credíveis de correspondência através de três principais mecanismos de distorção: escala, projeção e simbolização.

Entende-se por escala o nível de detalhamento do mapa. Quanto menor a escala, menor a quantidade de informações, quanto maior a escala, maior o volume de conteúdo analisado. A

⁹⁴ Flow é o como chamam o ritmo com que o rapper pronuncia suas rimas, caracterizando um estilo próprio de improvisar.

⁹⁵ Confira os vencedores da 16ª Edição do Prêmio Hangar de Música (Disponível em: <http://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/39916/confira-os-vencedores-da-16a-edicao-do-premio-hangar-de-musica>)

⁹⁶ FST 2012: Boaventura de Sousa Santos vira rapper em ensaio de hip-hop baseado em sua obra (Disponível em: <https://youtu.be/xciJlb4aVmI>)

escala existe para reduzir as dimensões do mapa através da redução de nível de detalhamento, uma vez que, conforme aponta Santos (2002), um mapa em tamanho real não seria nada prático.

Ilustra Santos (2002) que:

Jorge Luís Borges conta-nos a história do imperador que encomendou um mapa exato do seu império. Insistiu que o mapa devia ser fiel até ao mínimo detalhe. Os melhores cartógrafos da época empenharam-se a fundo neste importante projeto. Ao fim de muito trabalho, conseguiram terminá-lo. Produziram um mapa de exatidão insuperável, pois coincidia ponto por ponto com o império. Contudo, verificaram com grande frustração, que o mapa não era muito prático, pois que era do tamanho do império. (SANTOS, 2002, p. 200)

Portanto, é necessário definir a escala de um mapa. Santos (2002) recomenda três níveis principais de escala: grande, média e pequena. No entanto, devido às limitações literárias desse artigo, iremos nos ater principalmente à grande escala, reduzindo nossas observações ao contexto local, onde se manifestam os fenômenos aqui analisados.

A projeção permite representar algo real em um mapa. Santos (2002) observa que o globo terrestre, por exemplo, é originalmente redondo e de grandes proporções, tornando inviável a representação exata em um mapa com medidas limitadas. No entanto, através do uso de mecanismos controlados e pré-definidos de distorção, é possível ao cartógrafo redimensionar a representação das proporções do ambiente e projetá-las na superfície plana de um mapa

Segundo Santos (2002), cada projeção está sujeita a uma série de fatores, como os objetivos do mapa, os dados coletados ou até mesmo a ideologia do próprio cartógrafo. A projeção será usada aqui para representar a criação de canais populares de comunicação através da ocorrência de batalhas de rap nos espaços de convívio do Campus Central da UFRN em Natal (RN). No entanto, apesar da utilização sistemática de elementos visuais e símbolos para elaborar nossa análise, é preciso ressaltar a possibilidade de que o resultado interpretado não represente a realidade com total precisão, visto que as projeções, conforme lembra Santos (2002), tendem a enfatizar alguns aspectos locais em detrimento de outros.

Já a simbolização consiste na representação gráfica utilizada para indicar pontos específicos de alguma localidade através de símbolos icônicos, como uma cruz para representar uma igreja em um mapa, um avião para um aeroporto e assim por diante. Existem inúmeros ícones utilizados para representar os mais diversos elementos reais em um mapa. Para Santos (2002) os mapas são feitos tanto para ser vistos quanto para ser lidos. Portanto, é possível apresentá-los de maneira gráfica e visual ou analítico-descritiva.

Andrade (2018), por exemplo, propõe um mapa conceitual analítico-descritivo sobre os impactos da mobilidade técnica dos aparatos de comunicação no cotidiano do profissional de

jornalismo em Natal (ANDRADE, 2018). No presente artigo, propomos um mapa sobre as implicações da ocorrência de batalhas de rap em espaços de convívio social nas instituições públicas de ensino superior. Para isso, frequentamos e fotografamos batalhas de rap realizadas no Campus Central da UFRN em Natal (RN) no período entre 09/04/2019 e 26/10/2019. Neste sentido consideramos nosso diário de campo e o *smartphone*⁹⁷ nossas principais ferramentas de coleta de dados. Utilizamos a câmera do dispositivo para registrar os encontros, totalizando 32 fotografias.

Pensamos que uma fotografia isolada carrega por si só um valor narrativo-descritivo inestimável do momento que registra. No entanto, ao organizar uma série de fotografias pertencentes a um mesmo contexto sociocultural, é possível construir uma narrativa visual que permite observar o momento registrado com mais amplitude do que através de apenas um fragmento fotográfico. Consideramos fragmento fotográfico, uma fotografia produzida isoladamente, desassociada de um contexto, porém quando organizada com outros fragmentos fotográficos de um mesmo cenário produz uma percepção mais abrangente sobre aquele determinado espaço (NOBRE, 2003; 2011).

Tendo isso em mente, consideramos que as fotografias produzidas nos eventos que observamos em meio às atividades acadêmicas do ano letivo de 2019 compõem fragmentos fotográficos que, analisados e dispostos sistematicamente constroem de uma narrativa visual de caráter interpretativo, favorecendo uma melhor compreensão sobre usos e apropriações dos espaços públicos de convívio da cidade, com foco na rede pública de ensino superior, por batalhas de rap.

4 Uma representação visual simbólica das batalhas de rap

Nas noites de terça-feira, por volta das 20 horas, alguns jovens começam a se juntar nas arquibancadas do anfiteatro que existe nas intermediações do Setor II, complexo de salas de aula do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal (RN). São os participantes da Batalha do Coliseu que aos poucos vão se cumprimentando com gestos e apertos de mão característicos da cultura que representam: o hip hop. Logo começam as primeiras rodas de improviso, com jovens alternando turnos para falar suas rimas criadas na hora ao som de *beatbox*⁹⁸ ou músicas reproduzidas em seus aparelhos celulares. A iluminação do espaço é precária, portanto, alguns também usam seus aparelhos para iluminar o ambiente.

⁹⁷ Modelo *Motorola G6 Play*, com câmera de 16 *megapixels* com sistema operacional *Android* versão 9.

⁹⁸ *Beatbox* é a capacidade de reproduzir com a boca sons que imitam as batidas características dos elementos percussivos presentes em músicas de rap. Também existem campeonatos de *beatbox*.

Dentre os jovens presentes, alguns fazem parte da organização da batalha. São em parte estudantes do próprio departamento, ou de outros setores da própria universidade. No entanto, jovens de fora da universidade que frequentam outras batalhas ou simplesmente gostam de rap somam presença nos encontros, que chegam a reunir cerca de 50 a 60 pessoas ao redor da arquibancada e nos bancos que existem espalhados pela área. (Figura 1)

Figura 1 – Batalha do Coliseu no anfiteatro do Setor II na UFRN



Fonte: Própria, 09/04/2019

É comum que, antes ou depois das batalhas, ocorra apresentações de grupos ou cantores de rap, bem como performances de *slam*⁹⁹. A Batalha do Coliseu segue o esquema de chaves, tipo “mata-mata”, em que o vencedor de uma chave enfrenta o vencedor de outra chave, eliminando quem perde até sobrar apenas um vencedor da noite. Os duelos podem ser temáticos, abordando temas pré-definidos (conhecidos como batalha de conhecimento), livres de tema ou até mesmo sem restrição alguma para ofender seu oponente (como é o caso das batalhas de sangue). A Batalha do Coliseu é normalmente de tema livre, apesar dos participantes concordarem em não ofender uns aos outros ou familiares em suas rimas.

Cada rapper tem o mesmo tempo para sincronizar suas rimas à batida que sai da caixa de som trazida por membros da organização que se revezam em tarefas como reproduzir e pausar a música nos momentos oportunos, anotar os nomes dos participantes em um caderno, indicando os vencedores até o final dos duelos, explicar as regras para os participantes e mediar o encontro com o público (constantemente convocando a plateia para “fazer barulho” para quem consideram ser o vencedor do duelo) e puxar uma série de palavras de ordem, sendo as mais comuns: “se tu ama essa cultura como eu amo essa cultura grita hip hop! *HIP HOP!*” (escrito conforme pronunciado); “Batalha do Coliseu, conscientiza e fortalece. Conhece? *CONHECE!*

⁹⁹ *Slam* é um tipo de expressão poética performada com cadência e ritmo típicos do rap, porém sem o acompanhamento de um instrumental.



redefolkcom



Conhece? *CONHECE!*” e “Batalha do Coliseu, tem homem e mulher na gangue. O que vocês querem ver? *SANGUE!*”.

Em dias de chuva, os encontros da Batalha do Coliseu ocorriam no Centro de Convivência Djalma Marinho no Campus Central da UFRN em Natal (RN), espaço que dispunha de melhor iluminação, porém com pouca ou nenhuma estrutura favorável para comportar os participantes (FIG 2). Apesar da presença de mulheres na batalha, elas ainda são minoria dentre as pessoas participam dos duelos. A presença de homens é visualmente mais expressiva, não desconsiderando, porém, a participação do público feminino nos encontros. Na imagem a seguir (FIG. 2), é possível notar a presença de mulheres, tanto no duelo, quanto no público e também na organização (a jovem que está de costas com cabelo curto e tranças longas).

Figura 2 – Batalha do Coliseu no Centro de Convivência da UFRN



Fonte: Própria, 28/05/2019

No mês de outubro ocorreram as seletivas para o Duelo de MCs Nacional¹⁰⁰, também nas intermediações do campus, porém dessa vez no estacionamento próximo à Praça Cívica da UFRN (FIG. 3). Essa fase classificaria os finalistas para a etapa regional em Recife (PE). Todos os MCs que se classificaram para a etapa seguinte naquela ocasião frequentavam a Batalha do Coliseu, com destaque para MC LV¹⁰¹ que, não só se classificou para o regional em Recife (PE), ao lado de outros MCs do Rio Grande do Norte, como também representou o estado no Duelo de MCs Nacional em Belo Horizonte (MG).

¹⁰⁰ Como já citado anteriormente, o Duelo de MCs Nacional corresponde a uma expansão nacional do Duelo de MCs que acontece em Belo Horizonte (MG), atraindo rappers de todo o país previamente selecionados nas batalhas devidamente cadastradas nos coletivos de rap de seus respectivos estados. A Batalha do Coliseu, por exemplo, é integrada ao Coletivo das Batalhas do Rio Grande do Norte, cujo perfil pode ser acessado na rede social Instagram. (Disponível em: <https://www.instagram.com/cooperativadasbatalhasdorn/>)

¹⁰¹ O rapper fez uma publicação sobre o fato em seu perfil na rede social Instagram. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6LUU8YHvIK/>)

Figura 3 – Seletiva para o Duelo de MCs Nacional na Praça Cívica da UFRN



Fonte: Própria, 26/10/2019

Realizadas as observações, notou-se a relevância da Batalha do Coliseu no circuito nacional de batalhas de rap, bem como o papel da UFRN no processo de popularização desse tipo de manifestação cultural, por dispor de áreas de convívio social, em sua maioria jovens e estudantes, que viabiliza a realização dos encontros. Para sintetizar visualmente os dados coletados ao longo de observação, construímos um mapa visual simbólico, a partir de um mapa originalmente desenvolvido pela Superintendência de Infraestrutura da UFRN¹⁰². Nele, apontamos os locais de encontro descritos no nosso *corpus* textual e selecionamos fotografias que representassem os usos e apropriações dos espaços de convívio da universidade para realização de batalhas de rap.

Utilizando critérios estéticos de seleção como iluminação, foco e enquadramento corretos, mas também considerando elementos que auxiliassem a interpretação da análise proposta, selecionamos quatro fotografias da Batalha do Coliseu no Setor II (09/04/19), sete fotografias da Batalha do Coliseu no Centro de Convivência (28/05/19) e seis fotografias da seletiva da etapa regional do Duelo de MCs (26/10/2019). Com o intuito de auxiliar a leitura e interpretação dos dados obtidos através dessa pesquisa, diagramamos o mapa e adicionamos elementos visuais simbólicos da cultura hip hop, agregando valor estético ao material produzido, para além das informações. O resultado pode ser apreciado no apêndice desse artigo (Apêndice 1).

5 Conclusão

Com os resultados obtidos, percebemos que as práticas ligadas ao rap e à cultura do hip hop, se apropriam dos mais diversos espaços para se comunicar, levantando uma discussão sobre os processos comunicacionais que permeiam suas práticas, não só através das rimas ou discursos falados

¹⁰² UFRN Campus Central em Natal (RN). (Disponível em: <https://www.ufrn.br/institucional/localizacao>)

ao microfone, mas também da narrativa que constroem ao se reunirem em seus espaços de convívio para produzir momentos de lazer que mesclam arte e consciência política.

Além disso, as batalhas apresentam características que as enquadram nos ditos meios populares de comunicação, por compreender processos e práticas que se dão nas camadas marginalizadas da sociedade. Tais processos, além de agentes populares ativos possuem também ativistas midiáticos que utilizam diversas formas de comunicação para articular suas ideias e fomentar a cultura nos espaços que frequentam.

Nas narrativas identificadas, as marcas culturais mais presentes são: a postura incisiva dos rappers, os gestos característicos (agitar as mãos, punho cerrado para cima, “símbolos” com os dedos), sua linguagem carregada de gírias e maneirismos, bem como o vestuário (comum encontrar pessoas vestindo camisetas de times de futebol, basquete, cursos da faculdade e bandas ou grupos de rap).

A partir das reflexões pudemos considerar que o surgimento de batalhas de rap em Natal (RN), considerando as áreas de convívio social de parte dos estudantes da rede pública de ensino superior da cidade, indicam uma articulação comunicacional dos sujeitos que as ocupam, demandando pesquisas mais aprofundadas sobre seus discursos e motivações, compreendendo-os como manifestações culturais de resistência popular.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. O. **Cartografia da mobilidade jornalística**: Os impactos do uso dos dispositivos móveis digitais na rotina de produção do jornalista em Natal (RN/Brasil). 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CARVALHO, S. V. C. B. R. Manifestações culturais. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (Org.). **Noções básicas de folkcomunicação**: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007, cap. 9, p.64-66.

DUARTE, G. R. A arte na (da) periferia: sobre... vivências. In: ANDRADE, E. N. A. (Org.) **rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999, cap. 1, p. 13-22.

FAUSTINO, O. Das ruas ao coração In: ROCHA, J., DOMENICH, M. e CASSEANO, P. **Hip Hop**: A Periferia Grita. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2001. cap. 1. p. 9-12.

KEYES, C. L. **At the crossroads**: Rap Music and Its African Nexus. *Etnomusicology*, vol. 40 (2), 1996, 222-48.



redefolkcom



NOBRE, I. M. **A fotografia como narrativa visual**. 2003. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

_____. **Revelando os modos de vida da Ponta do Tubarão**: a fotocartografia sociocultural como uma proposta metodológica. Natal: EDUFRN, 2011.

_____; MENDONÇA JÚNIOR, F. C. G. **Rap**: uma representação pós-colonial e contra-hegemônica no cenário cultural, 2015

PRINCE, E. G. **Hip-hop culture**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2006.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Um discurso sobre as Ciências**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: “Um discurso sobre as Ciências” revisitado. São Paulo, Cortez, 2004a.

_____. **O Fórum Social Mundial**: Manual de uso. São Paulo, Cortez, 2005.

_____. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução: Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, J. C. G. Arte e educação: a experiência do movimento hip-hop paulistano. In: ANDRADE, E. N. A. (Org.) **rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999, cap. 2, p. 23-38.

TAPERMAN, R. I. **Tem que ter suingue**: batalhas de freestyle no metrô santa cruz. 2011. 274 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TRIGUEIRO, O. M. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. 162 p.

Seletiva para a fase regional do Duelo de MCs na Praça Cívica da UFRN.



APÊNDICE 1 – Uma representação visual da ocupação de espaços públicos da universidade para realização de batalhas de rap.

Batalha do Coliseu no anfiteatro do Setor II (UFRN).



MAPA PRODUTO PELA SUPERINTENDÊNCIA DE INFRAESTRUTURA DA UFRN. Original: Arq. Pettersson Dantas (SINI), Adaptado.



Mapa do Campus Central da UFRN (Fonte: INFRA - UFRN)



Batalha do Coliseu no Centro de Convivência da UFRN.